

# “Colcha de Retalhos” e narrativas autobiográficas: um olhar da psicanálise

Margaréte May Berkenbrock- Rosito<sup>1</sup>

Maria Lucinalva da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir a formação do professor no curso de Pedagogia à luz dos conceitos da psicanálise sobre Inconsciente e Desejo, em Freud e Lacan, tendo como objeto de estudo a “Colcha de Retalhos”, uma metodologia e uma epistemologia desenvolvida por Berkenbrock-Rosito (2014) dentro da abordagem (Auto)Biográfica, que traz como proposta a formação do professor e do pesquisador por meio de narrativas nas dimensões: escrita, pictórica e oral, de alunos de graduação em Pedagogia, visando o desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos, fundamentados, respectivamente, em Freire (2011) e Adorno (1995), em Schiller (2002). Neste estudo, privilegiou-se como material a ser analisado as narrativas escritas pelos alunos. A reflexão das narrativas dos sujeitos à luz dos conceitos da psicanálise em Freud e Lacan revelam uma dimensão estética do inconsciente que estabelece um limite para o desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Colcha de Retalhos. Narrativas autobiográficas. Formação.

## Abstract

This work aims to reflect the formation of the teacher in the course of Pedagogy in the light of the concepts of psychoanalysis on Unconscious and Desire in Freud and Lacan, having as object of study the “Patchwork Bedspread”, a developed methodology and epistemology By Berkenbrock-Rosito (2014) within the (Auto) Biographical approach, which proposes the formation of the teacher and the researcher through narratives in the written, pictorial and oral dimensions of undergraduate students in Pedagogy, aiming the development of Autonomy and emancipation, respectively, in Freire (2011) and Adorno (1995), in Schiller (2002). In this study, the narratives written by the students were privileged as material to be analyzed. The reflection of the subjects ‘narratives in the light of the concepts of psychoanalysis in Freud and Lacan reveal an aesthetic dimension of the unconscious that establishes a limit for the development of the subjects’ autonomy and emancipation.

**Keywords:** Patchwork Quilt. Autobiographical narratives. Formation.

---

<sup>1</sup>Doutorado em Educação/UNICAMP com pós-doutorado em História da Educação. Professora Mestrado em Educação e Mestrado Profissional Formação de Gestores Educacionais/UNICID. E-mail:margarete.rosito@unicid.edu.br

<sup>2</sup>Mestrado em Educação, Universidade Cidade de São Paulo/UNICID. E-mail:malu.silva2@gmail.com

## Introdução

Este estudo propõe discutir a “Colcha de Retalhos”, uma metodologia e epistemologia, fundamentada nos conceitos de autonomia e emancipação, respectivamente em Freire (2011) e Adorno (1988). Estes conceitos associam-se a Educação Libertadora, que busca a humanização do indivíduo e se opõe ao conceito de Educação Bancária, desenvolvido por Freire que visaria o desenvolvimento de maior atenção ao sujeito em relação à manipulação estética, inerente a indústria cultural, e acaba por promover o que Adorno denomina como processo de semi-formação. Igualmente relevante é o conceito de Educação Estética em Schiller (2002), que considera a estética como equilíbrio entre o racional e o sensível, interagindo como um jogo lúdico que abarca, entre outros, a finalidade da educação, o ambiente formativo e a arte como dimensões da estética nos processos de (auto) formação, com o enfoque da hermenêutica a luz de Gadamer (2000).

A proposta deste estudo é trazer uma reflexão a respeito do processo de desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos na relação Freire, Adorno e Freud e Lacan. Considerando que Freire (2011) esclarece que o desenvolvimento da autonomia ocorre no processo de tomar decisões e fazer escolhas, além de propor instrumentos necessários à prática educativa a partir de uma visão crítica. Neste viés, Adorno (1995) mostra que a emancipação do sujeito ocorre quando o conhecimento é fruto de uma reflexão, advinda de informações recebidas pela estética da indústria cultural, ou seja, o sujeito se posiciona a partir destes referenciais. Este processo de ação envolve uma estética de uma experiência formativa.

Neste sentido, o objetivo deste estudo é fazer uma leitura e posteriormente uma análise das narrativas escritas na dimensão biográfica pelos discentes do primeiro semestre do curso de Pedagogia, e mapear a experiência estética sobre o percurso formativo que emerge das lembranças do Ensino Médio, considerando que a escrita das narrativas está atravessada pelo inconsciente e, deste modo desvelam sentidos e significados de uma subjetividade, desconhecida pelo sujeito, que aponta para uma compreensão a respeito do lugar do sujeito na construção de seu processo formativo dentro e fora da sala de aula com fundamentação no referencial teórico da Psicanálise.

Assim, este estudo considera a hipótese da presença do inconsciente na produção da escrita das narrativas, como um processo que atravessa a linguagem e revela limites e possibilidades no processo de construção de autonomia dos discentes em estudo.

Este estudo se justifica pela existência de uma lacuna que se apresenta com respeito à Educação Estética na compreensão dos processos formativos de sujeitos no curso de Pedagogia. Nesta perspectiva, as narrativas como memórias de trajetória de vida pessoal e formativa, construídas de experiências da realidade e também subjetivas, constituem e revelam uma dimensão estética nos processos formativos.

## “Colcha de Retalhos”: contextualizando o objeto de estudo

As narrativas autobiográficas são consideradas como caminho de formação estética do professor e do pesquisador na proposta de Berkenbrock-Rosito (2014), através do dispositivo metodológico epistemológico “Colcha de Retalhos”, desenvolvido pela autora desde 2001. Esta metodologia segue como procedimento o Questionário Narrativo, que permite a coleta de dados da trajetória do processo formativo pela análise das

experiências subjetivas do participante, sem a limitação dos questionários fechados ou semiestruturados. Para tanto, o material explorado nesta pesquisa considera as narrativas escritas na dimensão biográfica.

Essa modalidade narrativa considera as experiências do Ensino Superior para o pesquisador e, do Ensino Médio para os discentes do curso de Pedagogia. Esta escrita busca o resgate de três cenas marcantes, pensando na relação que se estabelece com o conhecimento, com o professor consigo mesmo, se de autoria ou submissão.

As narrativas analisadas neste trabalho foram produzidas por alunos e alunas do primeiro semestre do curso de Pedagogia em uma universidade localizada na zona leste de São Paulo, no ano de 2014, como atividade proposta na disciplina Psicologia da Educação.

A produção das narrativas autobiográficas escritas através do dispositivo “Colcha de Retalhos” ocorre com o auxílio de três estratégias que compreendem: a Narrativa Biográfica, que toma como referenciais três cenas marcantes do Ensino Médio; a Narrativa Autobiográfica, que remete a momentos e experiências no quadro Linha da Vida que foram considerados como importantes para um novo olhar e um novo fazer na vida do sujeito; Narrativa Fílmica, esta última, trazendo como direcionamento o filme **Colcha de Retalhos** (*How to make an Americanquit*, de Jocelyn Moorhouse, EUA, 1995). A narrativa pictórica é construída do momento em que a escrita se transforma em imagem tecida no retalho. Estas narrativas são transformadas em narrativa oral, quando cada um conta oralmente sua história. Depois de cada participante contar, ocorre o processo de confecção propriamente dito da “Colcha de Retalhos”, costurando-se cada retalho. Esse material, produzido pelos discentes transforma-se em documento, é fonte de pesquisa e permite investigar os processos (auto) formativos, relacionando a dimensão estética das narrativas biográficas com a psicanálise.

Deste modo, a metodologia do dispositivo “Colcha de Retalhos” traz o quadro abaixo para subsidiar a escrita da narrativa biográfica:

**Quadro 1 - Narrativa Biográfica: Cenas Escolares**

RELAÇÃO DO SUJEITO:	AUTORIA	SUBMISSÃO
Conhecimento		
Professor		
Consigno		

Fonte: Elaborado pelas autoras

É preciso considerar que o processo de falar ou escrever sobre si possibilita uma escuta a respeito do que se diz e uma leitura a respeito do que se escreve, e assim, a presença de uma subjetividade se revela, contida de fatos e experiências guardadas no arcabouço da memória, que ecoam para o sujeito e deste modo vai autorizando a produção da escrita sobre sua história formativa.

Neste cenário, a metodologia formativa “Colcha de Retalhos” traz à tona possibilidades para pensar sobre os processos formativos e a prática pedagógica ancorados em valores éticos e estéticos, a respeito do desenvolvimento da autonomia e emancipação dos sujeitos, que conduz um encontro do sujeito com sua identidade formativa, desencadeada pela escrita das narrativas da história de vida. Berkenbrock-Rosito

(2014) mostra a importância do pensar e do agir desencadeante da voz dada a cada sujeito, como elementos constituintes desta subjetividade, com possibilidade de construção e produção de um conhecimento sobre o desenvolvimento da prática, pois o sujeito ao falar escuta, ao escutar reflete e ao refletir, analisa seu contexto social, pessoal e profissional realizando uma ação mais reflexiva e consciente, diante de suas escolhas e decisões. Nesta perspectiva, a autora parte do pressuposto que a prática de ensino alicerçada apenas na transmissão de conteúdos oferece ao sujeito um conhecimento parcial, e este processo produz uma educação precária, o que Freire conceituou de Educação Bancária, que não leva em conta as potencialidades do sujeito, desconsiderando suas experiências e suas referências em relação ao método e ao conteúdo, reduzindo o conhecimento a uma mera reprodução de modelos pré-estabelecidos de ensino.

Nesta via, a participação no dispositivo “Colcha de Retalhos” produz uma experiência estética refletida por meio das autobiografias objetivadas nos retalhos de cada um, que além de servir como base de construção para a produção do conhecimento, desencadeia um processo de autoria e emancipação do sujeito em seu contexto social, pessoal e profissional. Para tanto, a autora tem como base conceitos de Educação Estética em Freire, que promove ao sujeito uma consciência crítica, produzida de uma educação libertadora, desprendendo-se de um modelo de Educação Bancária, em Schiller através da estética como possibilidade de conhecimento mediada tanto pelo impulso sensível como pelo impulso da razão. Neste sentido, está presente na narrativa uma dimensão sensível, já que, segundo Schiller (2002), o homem não pensa, mas sim sente antes de pensar.

Adorno (1995) considera o primeiro passo em direção à emancipação do sujeito da estética da indústria cultural acontece ao elaborar o passado para compreender a realidade com um novo olhar. Este processo de ação envolve uma estética que tem valor epistemológico e encontra sentido na consciência política do professor e pesquisador.

Desta forma, a singularidade marcada pela subjetividade do sujeito desencadeia um lugar de centralidade para a questão do conceito de formação e sua decorrência na prática educativa. Portanto, é imprescindível considerar a existência do inconsciente que aponta para limites e possibilidades e coloca em pauta uma estética refletida no modo de ser e fazer discente e docente.

### “Colcha de Retalhos” e Formação de Professores: contribuições da Psicanálise

É importante compreender que para escrever uma narrativa de si, é necessário buscar na memória lembranças de momentos vivenciados por quem a escreve, deste modo, se destaca aqui uma contribuição da psicanálise a partir do que Freud chamou de “Associação Livre”. Por entre os anos de 1892 a 1898, aproximadamente, enquanto estudava um método para tratar as queixas de suas pacientes, depois de algumas tentativas como hipnose e catarse, consideradas por ele, como insuficientes, ele encontra no processo da “Associação Livre”, uma possibilidade para a fala de suas pacientes, que traziam narrativas de si, falando livremente sobre o que lhes afligia e, de escuta, para que ele pudesse tratar dos sintomas que as mesmas apresentavam. Este conceito foi tão eficaz que é considerado até hoje para a Psicanálise como uma das regras básicas e fundamentais para sua prática. Sobretudo, Freud considera a existência e presença do inconsciente como núcleo primordial das experiências do sujeito.

Diante do exposto, é possível considerar que o mundo que habitamos não é somente o mundo da natureza e dos objetos, ou o mundo da razão pertencente à consciência, que vai se transformando pela cultura e pelas experiências estéticas que vamos vivendo, mas um mundo permeado pelo processo das relações, que a psicanálise denomina como as identificações que formam o sujeito e se iniciam primeiramente no ambiente familiar, se estendendo aos espaços escolares, acadêmicos e contextos sociais de um modo geral. Assim, as narrativas revelam uma estética de autoria, entendida aqui, como um movimento mediador entre o consciente e o inconsciente, condição que remonta e elabora um imaginário social.

A esse respeito, a Psicanálise reconhece o sujeito como um ser social que se subjetiva por meio das representações que são estabelecidas na relação com o outro da mesma espécie que lhe transmita a produção de significantes. Neste sentido, Pereira (1998, p. 183) escreve:

O sujeito é constituído a partir dos efeitos do discurso, a partir das inter-relações sociais, do encontro de um sujeito com um outro, a produzir discursos, efeitos de atos individuais. Assim, um sujeito é constitutivamente heterogêneo, de uma incompletude fundante que mobiliza o desejo de completude, aproximando-o do outro na esperança de restaurar uma totalidade inatingível.

Diante deste cenário, segue um pensamento de Freud, cuja intenção é mostrar a incompletude do sujeito de um modo geral: “Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também o que lembramos e aquilo de nos esquecemos; somos as palavras que trocamos os enganos que cometemos os impulsos a que cedemos, sem querer.” Nesta perspectiva, a Psicanálise revela a existência da dimensão de um inconsciente, que está para além da consciência na psique humana. Partindo deste pressuposto, a respeito da existência da dimensão inconsciente na pessoa, a partir de Freud com a descoberta da Psicanálise, é possível uma reordenação da lógica universal imposta pelo discurso pedagógico, que não leva em conta a falta que remete à incompletude que move o sujeito.

O saber docente é construído de outros saberes de diversas ordens e diferentes lugares, e neste contexto, é preciso considerar a experiência singular e coletiva de cada profissional como instrumento fundamental para sua formação. A noção de sujeito em psicanálise é, no mínimo, causa do desejo. Em outras palavras, o sujeito não é tudo o que diz, porque não sabe tudo sobre si, na medida em que está sempre atravessado pelo inconsciente e nesta via, não pode e não sabe tudo sobre si. A representação não é mais espelho do mundo e o único lugar da verdade, como no pensamento cartesiano. Para a Psicanálise, representação não se resume a imagem especular do mundo como única verdade em relação às coisas, mas como uma construção que opera sentido ao mundo e ao próprio sujeito. Nesse sentido, o sujeito não é racionalidade pensante e puramente consciente. Freud, ao estabelecer o conceito de inconsciente, enfraquece a noção de sujeito cartesiano enquanto sujeito da razão, além de inaugurar uma concepção de ser humano e, conseqüentemente, outra noção de personalidade humana.

Segundo a Psicanálise somos seres que possuímos um universo de desejos e necessidades que não conhecemos. Tudo o que pensamos e queremos é apenas uma parte do que realmente somos. Grande parte de nós encontra-se oculta no inconsciente rep-

rimida por nosso superego (moral de uma sociedade, cultura). Trata-se de uma versão da personalidade humana que rompe com o racionalismo e mostra não sermos donos da verdade que julgamos conhecer a respeito de nossas motivações, nossos gostos, amores e ódios. Isto porque nossas escolhas conscientes são profundamente influenciadas pelas energias inconscientes reprimidas (CUNHA, 2008, p. 2).

Deste modo, a psicanálise chama atenção para os limites da educação e sugere uma ética e uma estética na compreensão da aprendizagem como fenômeno psíquico. O aparelho psíquico é composto pelas dimensões pré-consciente, consciente e inconsciente, onde se encontra o nível das representações, considerado como lugar da subjetividade propriamente dita. Entretanto, não há como separar este do campo das pulsões, que também constitui o aparelho psíquico a partir de sua articulação com o registro do simbólico e, portanto, à linguagem. Assim, o campo das pulsões está vinculado e implicado na constituição do aparelho psíquico. Dor (1989) destaca que o retorno a Freud, proposto por Lacan, sintetiza esse aspecto da articulação freudiana no campo da linguagem, afirmando que as descrições de Freud sobre os processos psíquicos inconscientes estão submetidas à linguagem e à sustentação desta na transferência, pois “[...] é na palavra que o inconsciente encontra sua articulação essencial” (DOR, 1989, p. 11-12).

A contribuição da Psicanálise a respeito do processo de formação do professor tem sua origem, desde Freud (1913). O autor manifesta seu interesse pela Pedagogia no que diz respeito à influência do professor na relação com o processo de desenvolvimento da criança e do adolescente. É sabido que os professores exercem forte influência sobre a criança por estarem investidos da representação de afetos e cuidados dados pelos pais, nesta via, a admiração e o respeito são transferidos ao professor, que começam a ocupar um lugar de representantes destes pais.

O conceito de transferência para Freud é estabelecido, primeiramente, na psicanálise com a relação paciente-analista. O autor revela que esse processo encontra-se presente nas diferentes relações construídas pelo sujeito em seu meio social ao longo de suas experiências de vida. Portanto, é possível dizer que o professor se torna objeto de transferência para o aluno em relação à lei, ora estabelecida primeiramente por seus pais.

A palavra objeto, na concepção freudiana, designa rigorosamente uma “[...] representação inconsciente prévia à existência de outrem, uma representação que já se está ali e na qual virá escorar-se a realidade externa da pessoa do outro ou de qualquer de seus atributos vivos” (NASIO, 1995, p. 103). Em consonância a esta concepção, Garcia-Roza (1991), salienta que: “é a palavra que constitui o objeto como objeto, e é este que fornece à palavra seu significado” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 31).

Outra importante contribuição da Psicanálise na educação ocorre a partir dos estudos de Lacan sobre a obra de Freud, em que é destacada a noção de sujeito dividido. Um sujeito clivado, dividido pelo efeito da linguagem, submetido à arbitrariedade da língua. Nesta via, Barthes (1997) aponta para essa arbitrariedade destacando os efeitos do poder. Assim, é possível fazer uma analogia entre o poder que o professor exerce em sala de aula com seus alunos, na medida em que se apresenta como “representante” do “saber” ou do “conhecimento”, em relação ao aluno que está desprovido deste saber. Esta relação gera e estabelece uma situação de conflito e resistência na relação professor-aluno e aluno-professor, pois o professor espera do aluno um saber

não possível e, o aluno por sua vez reage e atua em sua defesa de uma possível frustração com a resistência. Este processo ocasiona uma alienação, tanto no professor quanto no aluno, marcado pelo desejo inconsciente que interfere no processo de construção do ensino e aprendizagem, o que gera outra via de linguagem posta no desenvolvimento da autonomia e emancipação do sujeito professor.

Como já abordamos este processo de alienação pode ser rompido através da estética. Afinal, a dimensão estética emerge por sensações, sentimentos de gosto e desgosto, que são tratados como experiência estética. Aquilo que nos toca, passa a significar, medo, angústia, alegria, nojo, tristeza, e caracterizam momentos de aprendizagem, intermediada por sentidos e significados, que ao decodificar, ler, interpretar torna a Educação Estética um fundamento na formação de professores no curso de Pedagogia, como possibilidade de conscientização da identidade profissional do sujeito na contemporaneidade.

Para tanto, dizer do processo de construção da autonomia e emancipação do sujeito discente pela escrita das narrativas implica antes em considerar uma subjetividade presente, produzida pelas representações inconscientes que emergem em atos e discursos que escapam à consciência e são revelados por meio da experiência estética, apontando um lugar de posicionamento para o sujeito. Esta condição desencadeia no sujeito discente, um modo particular de ser e fazer pessoal e profissional, que encontra atalho no processo de associação livre e permite pensar e reconstruir suas escolhas e decisões, que produzem uma estética na constituição da subjetividade e suas implicações no cenário da educação.

### A Importância da narrativa nos processos de formação

Escrever uma narrativa autobiográfica, demanda antes imaginar uma ponte, olhar de um ponto a outro, para nela percorrer e, a cada passo percorrido, se preparar para um novo ponto de chegada que também será de partida. Esse processo de construção produz no decorrer da escrita, um encher-se de coragem para assumir os feitos com seus efeitos e, o que não foi e, nem poderá ser feito. É um processo que desfaz certezas e incertezas, desconstrói e reconstrói novos sentidos e significados a respeito do que foi, ou não, vivenciado na trajetória formativa, e por essa condição, revelam a estética de uma subjetividade. Nesta dimensão, Thompson (1998) revela que “recordar a própria vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade; continuar lidando com esta lembrança pode fortalecer, ou recapturar a autoconfiança” (THOMPSON, 1998, p. 205). Assim, escrever e narrar sobre si, resgata no processo formativo uma identidade particular mediada pelas experiências de vida.

Considerando a importância das narrativas como meio para refletir a respeito da formação docente, Nóvoa (2009) propõe um pensar sobre a posição do sujeito professor, apontando questões de extrema relevância, no que diz respeito ao lugar e a função deste profissional, que carrega em sua história, a responsabilidade pela formação docente e não docente de outros profissionais, articulando com as demandas sociais e políticas, bem como as condições efetivas presentes e futuras no campo da educação. Nesta perspectiva, a formação de professores, segundo o autor, deve assumir uma posição dialética e concreta diante do saber e, de seu fazer profissional. Apresenta a necessidade de um professor não ser só agente reproduzidor de uma prática, mas que participe ativamente e efetivamente das políticas públicas que ditam e regularizam este fazer, propondo a

participação ativa do professor nas discussões e decisões que remetem ao presente e futuro da profissão. Esta mudança de posição, de objeto para sujeito, pressupõe a extensão de análise para a subjetividade do professor como um ator composto de representações cognitivas, afetivas, normativas e existenciais (relacionais).

Entretanto, compreender e reconhecer as formas da vida humana, e as articulações de cada uma de suas formas e imagens de mundo, está nos discursos com os quais constituímos e construímos uma realidade, e estes se constroem através de palavras, através da lógica do pensamento científico que traz o empírico, uma forma real das coisas e dos objetos, e por conceitos que a ciência e a cultura estabelecem com os quais, o homem se articula e é articulado. Neste sentido, Josso (2002) esclarece:

[...] porque representa um desafio no conhecimento de si mesmo, não apenas por compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências ao longo de nossa vida, mas sim por tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito mais ou menos ativo ou passivo, segundo as circunstâncias, permite a pessoa daí em frente encarar seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma (auto) orientação possível que articule de uma forma mais consciente suas heranças, suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, suas valorizações, os seus desejos e o imaginário nas oportunidades sócio- culturais que se pode aproveitar, criar e explorar para que surja um ser que aprenda a identificar e combinar constrangimentos e margens de liberdade (JOSSO, 2002, p. 22).

Diante deste pressuposto, resgatar a trajetória formativa remete o sujeito à condição de autonomia frente à construção de seu processo formativo, pois ao resgatar as cenas que remontam suas experiências de vida, se autoriza a assumir o lugar de protagonista em sua história, que se constrói das representações sociais e coletivas e que o torna singular. A esse respeito, Josso (2007) diz que uma consciência vem à tona ao interpretarmos um objeto inserido no contexto (auto) biográfico, considerando a pesquisa-formação.

Nesse processo de construção formativa, escrever sobre a história de vida convida o sujeito a revisitar e reconstruir a história de si, e dali emergem emoções e sensações que autorizam e desautorizam o que escreverá sobre si. Sobre esse processo Josso (2006) esclarece a existência de nós e laços, que movimentam a trajetória de vida, que, muitas vezes, precisam ser desatados para limpar o caminho e construir um novo. Nós de transformação ou transformações, pois remetem a um novo olhar e, todavia, possibilitam um (re) significar da realidade. Ainda a este respeito, a autora esclarece que existem os elos de ligação, que levam a compreensão de fragmentos das experiências possíveis de serem lembradas e contadas pelo sujeito em relação a sua trajetória formativa.

Nesta perspectiva, Freire (1975) converge com este pensamento ressaltando a importância do processo autobiográfico para a constituição de uma consciência que promova o entendimento das redes e conexões que compõem o sujeito histórico. Sendo possível ainda, enfatizar o esforço do autoconhecimento do professor e pesquisador, com objetivo de se perceber como sujeito coletivo, um movimento imprescindível para o desenvolvimento da autonomia e realização de um trabalho criativo e crítico.

## A estética da narrativa biográfica: o lugar da autoria e submissão do sujeito nas cenas escolares do ensino médio

Esta análise tem o enfoque da hermenêutica filosófica, definida como a ciência que estuda a arte de interpretar. Gadamer (2000) esclarece que se trata de um modo de compreender o sentido e o significado que a humanidade dá às coisas e ao mundo, através da relação que o homem estabelece com a linguagem e, sobretudo pelo diálogo, em que esta articulação reflete uma representação (interpretativa) e um modo de olhar particular, refletido pelo posicionamento frente a experiências com a ciência, arte e a cultura em geral. Assim não existe sentido para a humanidade se não, através e pela linguagem, um dos pressupostos constitutivos da hermenêutica.

Nesta perspectiva, a análise das narrativas no eixo biográfico mostra o lugar do sujeito discente nas cenas marcantes do Ensino Médio na relação com o conhecimento, com o professor e consigo mesmo, se autoria ou de submissão nos processos (auto) formativos.

O resgate destas cenas também revela e identifica um lugar para o sujeito discente frente à compreensão sobre seu processo de formação. Assim, as narrativas apontam que, aproximadamente, 14% dos sujeitos discentes apresentam uma dificuldade no que diz respeito a falar sobre a trajetória de vida formativa. Isso pode estar relacionado com uma dificuldade no saber lidar com fatos que, ao serem lembrados, provocam sofrimento e, ao mesmo tempo, podem causar uma vergonha de se expor diante do outro, caracterizando uma necessidade de aprovação do outro para assumir sua própria história. Estas reflexões ficam evidentes nos trechos das narrativas destacados abaixo:

Após um longo momento de reflexão sobre todos os momentos marcantes na minha vida espero ter representado bem com os fatos que escolhi. Foi um processo de aprofundamento que lembrou momentos que antes talvez eu não quisesse mais lembrar... (Narrativa 1)

Não entendo por que as coisas que nos fazem sofrer tanto são apenas para nosso bem. (Narrativa 3)

Bom, falar sobre si mesma é uma tarefa muito difícil, vou começar falando um pouco da minha infância... (Narrativa 5)

Vale também ressaltar que a estética aparece aqui como a preocupação com o belo e o feio, quando há a necessidade da aprovação do outro, conforme apontam as narrativas a seguir:

Minha festa de despedida, todos felizes dançando e comemorando, já no final de tudo... nos abraçamos e choramos juntos sinto até hoje um pouco de sentimento vivenciado naquela noite. Penúltimo ano letivo, resolvi pedir transferência cheguei a nova escola todos me olhavam me sentia estranha, porém, fiz logo amizade e acabei reencontrando colegas do primário uma surpresa muito agradável. (Narrativa 17)

Algo que também marcou muito neste mesmo período foi o fato de ter estudado

3 anos com a mesma professora Arací. Quando iniciei o quarto ano, logo no primeiro dia de aula descobri que tinha mudado a minha professora, fiquei extremamente desapontada perdi a vontade de ir às aulas, ia mesmo por obrigação até acostumar com a nova professora, que no fim acabei criando uma grande afeição. (Narrativa 44)

Aguardando o horário de ir embora da creche, a professora se deparou em uma situação em que falava as cores de alguns lápis de cor com uma aluna pequena, eu não sabia as cores. Isto chegou ao conhecimento dela, pois me intrometi na conversa dela com a estudante e errei a cor do lápis. Ela demonstrou espanto por eu ter errado a cor, e logo em seguida me mostrou outro lápis. Errei novamente. Talvez em um ato de desespero, a mesma abriu um estojo com mais ou menos cinquenta lápis e os arremessou na mesa, o barulho foi alto deles caindo sobre a mesa de madeira. Me desesperei, e errei todas as sequências de cores que a amável professora me mostrava, meu coração disparava e eu desejava ir embora correndo daquele lugar. Sempre me lembro desse fato, até porque hoje em dia tenho uma séria dificuldade em identificar as cores, até hoje, não consigo realizar esta função, e acredito que mesmo implícito esse ocorrido gerou uma vontade dentro de mim de ser professor e de ter atitudes diferentes com meus educandos. (Narrativa 41)

A dificuldade de aprendizagem, apontada na última narrativa, também aparece como um desgosto, que marca a trajetória de muitos discentes.

Sempre tive um pouco de dificuldade no aprendizado, as coisas não entravam na minha cabeça com facilidade, no conhecimento fui submissa. (Narrativa 29)

No segundo ano do ensino médio, uma das disciplinas em que mais tinha dificuldade era biologia. As provas finais eram muito temidas por serem extremamente difíceis e sempre exigiam muito conteúdo. (Narrativa 27)

Fui uma aluna que quando entendia e gostava me dedicava e quando não gostava fazia as atividades para eliminar, pois um dia a vice diretora me ensinou que o que achamos ruim devemos nos dedicar para logo eliminar. (Narrativa 23)

Bom, eu na escola sempre tive um pouco de dificuldade de aprender a ler e a escrever, mas na época as coisas eram mais difíceis era mais complicado por não haver escolas, então estudávamos em uma igreja e depois fomos para uma casa até que construíram uma escola e a escola era de frente para a minha casa, era muito bom acordar cedo para ir à escola. (Narrativa 9)

Assim, a necessidade da aprovação do outro fica evidente nas narrativas quando 100% dos discentes revelam que precisam se sentir aprovados pelo outro. Aproximadamente 20% assumem claramente a dificuldade de aprendizagem, conforme demonstram os dados do quadro abaixo:

**Quadro 2 - Análise de Narrativas Biográficas: Cenas do Ensino Médio**

DIFICULDADE EM FALAR DE SI	NECESSIDADE DE APROVAÇÃO DO OUTRO	DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM	NÃO FEZ RELAÇÃO COM O ENSINO MÉDIO
06 (13%)	44 (100%)	09 (20%)	01 (2%)

Fonte: Elaborado pelas Autoras

As lembranças das cenas do Ensino Médio são marcadas pelas emoções e sentimentos. No processo de construção de autoria e submissão estão contidos sentimentos, entre outros, de revolta, confusão com professores, identificações e, de emoções, como por exemplo, a rejeição. O que revela que o sujeito tem uma atitude de autoria ou de submissão como sintoma e não como desejo.

Quando finalizamos a apresentação que foi regada a muito chá, café, salgadinhos (daí o nome café com poesia) ouvimos dos nossos amigos e colegas da sala, bem como dos nossos professores e do nosso diretor Ailton que aquela tinha sido uma das melhores apresentações teatrais já feitas desde que o projeto tinha começado e o orgulho por receber um elogio dos nossos educadores foi exatamente gratificante. (Narrativa 1).

Quando eu estava no segundo ano do Ensino Médio, houve uma reunião de pais e mestres para que fossem passadas informações cotidianas sobre os alunos e minha mãe compareceu nessa reunião onde para minha surpresa no decorrer a professora de matemática que era quem apresentava as informações acabou por destacar o meu nome, elogiando muito a minha pessoa, meu interesse e forma de aprendizado. (Narrativa 8)

Um dos momentos mais marcantes foi quando me trocaram de sala por causa do meu mau comportamento nesta eu não conhecia ninguém, mas graças a isso fiz novas amizades. (Narrativa 10).

Há nas narrativas uma estética do sujeito marcada pelo enunciado de um discurso que se produz pela linguagem, que se materializa na escrita e revela um lugar em que o conhecimento da experiência, advém, sobretudo, como representação inconsciente que cada um constrói sobre o processo formativo. Este processo de narrar revela mais do que está escrito e do que se pretende escrever, o que é percebido pelo discente no trecho a seguir:

Falar de si próprio é sempre uma tarefa difícil, quando você diz algo a seu respeito a forma como você o faz mostra mais sobre você do que o que você conta. (Narrativa 6)

Assim, o sujeito discente ao escrever sobre sua história de vida, sem perceber, deixa escapar conteúdos em sua escrita que fala mais dele do que talvez ele possa saber. Deste modo, o sujeito do inconsciente se apresenta pela linguagem e uma estética de ser e de fazer do sujeito se constrói.

Sobre a visão dos alunos se sua relação com o conhecimento, professor e consigo mesmo se foi de autoria ou submissão, temos os dados abaixo:

**Quadro 3 - Análise de Narrativas Biográficas: Relação de Autoria e Submissão**

RELAÇÃO DO SUJEITO:	AUTORIA	PORCENT.	SUBMISSÃO	PORCENT.
Conhecimento	07	16%	36	82%
Professor	07	16%	36	82%
Consigno	14	32%	29	66%

Fonte: Elaborado pelas Autoras

Podemos perceber que 82% dos discentes relatam que ocupam um lugar de submissão em relação à construção do conhecimento e ao professor e aproximadamente 66% em relação a si próprios. Apenas 16% acreditam assumir um lugar de autoria na relação com o conhecimento e com o professor, e um percentual de 32% apresenta uma relação de autoria frente às escolhas e decisões advindas das experiências de vida.

É possível afirmar que os resultados remetem à produção de uma subjetividade passiva em decorrência de um modelo de Educação Bancária, na qual o aluno é tratado como uma tábula rasa, desconsiderando a bagagem de saberes que traz, caracterizada pela crença na transmissão do conhecimento do professor, visto sempre como detentor do poder da informação, da verdade do conhecimento, o aluno ocupa um lugar de submissão atribuídos, especialmente, em relação às notas, que funcionam com uma linguagem que comunicam o seu lugar no processo formativo.

A esse respeito, a Psicanálise, na perspectiva de Lacan (1986), define o registro do simbólico como lugar fundamental da linguagem, pois desencadeia no sujeito uma relação dos aspectos conscientes e inconscientes e, portanto, significa que o inconsciente se manifesta pela linguagem. Assim ocorre o registro do imaginário como a sede das primeiras imagens, fantasias e alienações, esse processo remete à ordem primeira, em que a criança constrói a imagem de si a partir do olhar do Outro, e dessa maneira o sujeito se apresenta.

Neste viés, o sentido atribuído pelos discentes sobre autoria e submissão remete à construção imaginária e simbólica que seu sucesso no processo de aprendizagem depende do bom desempenho do docente. É importante esclarecer que essa maneira de pensar não é necessariamente da ordem da razão, é uma representação inconsciente que permite visualizar como os discentes engendram e articulam seus investimentos

em relação à suas buscas e escolhas profissionais. As representações do inconsciente são traços de identificação do discente com o docente. Este docente ocupa um lugar de representante do desejo pelos traços de identificação imaginária que este discente nele reconhece. Conforme mostram as narrativas:

Tive uma pequena mudança no 3º ano do Ensino Médio onde tive o prazer de conhecer a professora Fabiana que nos dava a matéria de matemática, onde por meio de poucas aulas pode nos ensinar a importância do ensino, de prestamos mais a atenção na aula, para assim futuramente termos nossas profissões, como ela mesmo nos dizia que não é impossível um aluno da rede pública ser médico ou qualquer outra profissão, o problema está no próprio aluno que auto se discrimina por estar estudando na escola pública porém já tivemos grandes casos de superação de alunos da rede pública que hoje são exemplos para muitas pessoas isso até para mim.

Como conclusão pude ver melhor o trabalho pedagógico de alguns dos meus professores e estou estudando para futuramente fazer a diferença pelo menos na escola que eu trabalhar. Relação com o conhecimento? R: Submissão... Por mais que alguns professores nos ajudassem em alguns aspectos esse apoio não era total e bem estruturado, e isso leva a nós ficar acomodado com aquilo que se tem. (Narrativa 15)

os alunos interessados em desenvolver seu conhecimento tinham que trabalhar conforme o plano de ensino da escola e por conta própria procurar conhecimento nas bibliotecas, internet, revistas livros, jornais, sem orientação dos professores, o que a meu ver prejudica a formação. (Narrativa 1, *grifo nosso*)

Era “divertido” “brincar de cientista”, até hoje lembro das experiências que ele passou. A relação foi de submissão, ele tinha muito conhecimento. (Narrativa 7, *grifo nosso*)

Meus conhecimentos em sala de aula eram de autoria, pois tinha muita responsabilidade com meus trabalhos, não deixava de fazer minhas obrigações, pois se eu não fizesse iria me prejudicar. (Narrativa 11, *grifo nosso*)

Minha 2º cena do Ensino Médio vou relatar neste momento já contando com a parte de submissão com o professor, eu sempre fui uma aluna com dificuldade em aprendizagem em matemática meu professor Alves ele era uma pessoa difícil de lidar parecia que tinha uma certa intriga comigo, então comecei a deixar a matéria dele de lado e foi quando ele começou a me “perseguir” em sala de aula. Foi quando chegou o fim do semestre e estava prejudicada na matéria e tive que decidir em continuar a ignorar ele ou me redimir em certo ponto e correr atrás da nota que precisava Em uma aula sentei perto dele e conversei disse que queria aprender o conteúdo e ele gostou da minha atitude e me ajudou. Eu entendo que

este momento foi de submissão me coloquei no lugar de aluno e entendo que tenho que me adaptar a sua forma de ensino e acredito que ele também soube entender e respeitar o aluno. (Narrativa 12, *grifo nosso*)

As narrativas referidas revelam o aluno a uma posição “lugar” de consumidor de informações e coloca o professor no “lugar” de transmissor do conhecimento. Do ponto de vista pedagógico, Freire (1997) defende que este tipo de concepção limita o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno. Nesse sentido, restringir o processo formativo ao consumo de informação de aspectos teóricos e práticos centralizados na figura do professor, colabora com o que Adorno (1988) denomina como massificação da cultura ou processo de semi-formação. Freire (1997) converge com este pensamento ao dizer que a autonomia consiste em um processo de escolha do sujeito e este não pode ser dado pelo outro.

Ainda sobre autonomia, o autor compreende que ela seria o ponto de equilíbrio entre a relação de autoridade e liberdade, neste sentido, a autonomia funciona como um processo dialético no que se refere à construção da subjetividade individual, desencadeada pelas relações interpessoais adquiridas no contexto social. Entretanto, este processo revela uma estética na relação professor-aluno pelo processo de identificação. A esse respeito, Roudinesco e Plon (1998) dizem que na psicanálise laciana a identificação é o ponto central para a constituição do sujeito, através do qual ele é transformado a partir de diversos momentos, aspectos e traços, valores e atributos que o cercam.

Conforme Kupfer, a transferência ocorre quando: “o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular do professor.” (KUPFER, 1995, p. 91). O modo como os discentes constroem e estabelecem suas relações com as experiências no espaço escolar, a transferência com o professor, representado pela totalidade dos discentes, aparece por meio de representações imaginárias e simbólicas a respeito da docência, além de apontar para um posicionamento, *a priori* revestido de uma estética em que o aluno toma como referência a imagem que o professor desperta nele, a partir de suas representações e, esta imagem na medida em que convoca seu desejo, pode ser positiva ou negativa e desta forma desencadeará um gosto ou desgosto pelo conhecimento ou pelo aprendizado com este professor. Todavia, se a inscrição do desejo estiver simbolizada pelo gosto em relação ao conhecimento, a imagem do professor, enquanto transferência, não terá significado algum para o sujeito discente enquanto construção do conhecimento.

Nesse sentido, Lacan (1986) reitera que o simbólico é o registro da linguagem e estabelece o lugar das representações psíquicas. Assim, podemos ressaltar que nunca o sentido será absoluto, nem mesmo as palavras utilizadas num discurso, pois sempre poderá haver outras interpretações. Desta forma, o que é dito não assegura que a informação que se pretendeu dar foi recebida e compreendida como se desejava.

Através das narrativas é possível perceber como o processo de autonomia e emancipação ocorre via estética, pois a estética exerce uma função articuladora e intermediária entre o estado passivo da sensibilidade (natureza humana) também considerada aqui como (inconsciente e pré-consciente) e o estado ativo do pensamento, dado pela razão. Schiller (2002) sustenta que o estado estético é a condição necessária para o homem chegar ou se aproximar de seu conhecimento, e isso remete a sua afirmação de que “não existe maneira de fazer racional o homem sensível, sem torná-lo, antes, estético”. Ainda questiona sobre: “o que é o homem antes de a beleza suscitar-lhe o livre prazer e a serena forma abrandar-lhe a vida selvagem” (SCHILLER, 2002, p. 124).

## Considerações finais

A pesquisa (auto) biográfica realizada neste trabalho, a partir da leitura e análise das narrativas na dimensão biográfica, produzidas pela metodologia formativa “Colcha de Retalhos” permite investigar os fenômenos que ocorrem nos processos (auto) formativos, bem como suas implicações na prática pedagógica, na medida em que se torna um espaço formativo e possibilita a oportunidade de dar voz e ouvir as vozes dos sujeitos, entendidos aqui como o aluno que está em sala de aula. Nesta perspectiva, viabiliza uma escuta pessoal que ecoa também do coletivo, a partir das experiências singulares e coletivas de cada sujeito em questão.

O questionário narrativo foi utilizado como procedimento para coleta de dados, na disciplina “Psicologia da Educação”, ministrada por Berkenbrock-Rosito, no ano de 2014, no primeiro semestre, do curso de Pedagogia, por meio das narrativas escritas na dimensão biográfica, que compõem o dispositivo metodológico “Colcha de Retalhos”.

Os dados obtidos foram interpretados pelo enfoque da hermenêutica de Gadamer (2000), considerando os conceitos a respeito dos processos formativos, principalmente com Schiller, Adorno e Freire. A compreensão a respeito do lugar que o sujeito ocupa frente à construção de seu processo formativo considerando como “lugar” as representações do inconsciente, foi estudada à luz dos conceitos de inconsciente e desejo seguindo os referenciais dos teóricos da Psicanálise em Freud e Lacan.

Nesta dimensão, os resultados encontrados produzem uma reflexão a respeito da Educação Estética presente nos espaços formativos da sala de aula. As narrativas escritas, dentro do método (auto) biográfico, para formação docente e do pesquisador, se constituem como método científico que valoriza e aproxima o conhecimento de si, o qual se reflete na prática educacional e contribui para um redirecionamento nas relações, que articula a prática docente aos modos de ser e se fazer professor. Todo processo de construção que remete ao conhecimento pessoal, desmistifica as certezas e incertezas a respeito de verdades universais, desconstrói e reconstrói novos significados e sentidos a respeito do que foi e não foi vivido nas experiências de vida formativa e pessoal, o que possibilita a construção de outros espaços estéticos revelados pela consciência de um novo modo de ser e fazer-se pessoa.

Sendo assim, o dispositivo metodológico “Colcha de Retalhos” configura-se como possibilidade de formação, ao criar condições de abertura de voz para os sujeitos em sala de aula. Nesse sentido, dar espaço de voz remete a considerar também possibilidades de um espaço para escuta, sobre o que diz essa voz, o que produz ecos nos sujeitos das experiências singulares e coletivas.

O resultado da análise das narrativas nesta pesquisa revelou que uma dimensão estética ocorre como fenômeno que emerge das representações simbólicas dos sujeitos discentes, a partir da linguagem. Por essa condição, aponta para um lugar de posicionamento destes sujeitos frente a sua construção formativa.

Neste contexto, se apresenta uma constatação colocada por Lacan (1986), que ao situar a Psicanálise afirma que o inconsciente aparece pela linguagem, essa constatação se dá através do processo primário que o pertencimento do sujeito ao núcleo familiar, como base da constituição do eu, a partir do olhar do outro, da família. As narrativas são importantes não só pela escrita, mas, antes, pelo sentido que estas palavras fazem para o narrador que as escreve, que posto em linguagem revela um lugar de posição para o sujeito, ao mesmo tempo, que autorizando o sujeito a escrever, apresenta um jeito em se apropriar ou não de seu discurso e do processo formativo.

A contribuição da Psicanálise para o estudo da Educação Estética e as narrativas nos processos de formação de professores diz respeito à noção de inconsciente. Apesar de a palavra inconsciente ocupar um espaço de popularidade, ainda, raramente tem entrado na linguagem dos estudos que tratam da formação de professores, como se esse conceito não fizesse parte do campo educacional, como se alunos e professores não possuíssem a dimensão do inconsciente. O não reconhecimento da dimensão do inconsciente tem trazido muitos problemas para a compreensão de conflitos no espaço escolar, quando estes ocorrem na dimensão do inconsciente e se apresentam nos conflitos que, muitas vezes, são tratados como pessoais na relação entre os sujeitos. Sobretudo, o estudo aponta que a razão e a consciência não são os únicos modos de conhecimento de si no processo formativo. O conhecimento se estabelece também pela dimensão do inconsciente, movido pelos sentidos que são dados para a razão sobre os elementos que compõe uma experiência estética, o que coloca um limite para o desenvolvimento da autonomia e emancipação, já que algo sempre escapa à consciência dos sujeitos.

Nesta perspectiva, Freud (2007) esclarece que a capacidade de escolha do homem é limitada em função de existir uma instância em seu psiquismo. Essa instância é determinante e capaz de gerar efeitos no sujeito que não se reconhece pela consciência. Ou seja, ao nascer, um bebê já carrega em si, a marca do desejo do Outro (pais), e com este Outro, estabelece uma relação de dependência para sua sobrevivência. Esta condição faz com que ele seja produzido por uma polissemia de vozes e discursos, que ressoam em seu inconsciente construindo significados e significantes que falam por ele.

## Referências

ADORNO, T. W. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Mar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BERKENBROCK-ROSITO, M. Colchas de Retalhos e a beleza da narrativa de si. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May; JABLONSKI, Annanda Diléia. (org.). **Costurando nossas histórias**. Pelotas/RS: Editora Universitária/UFPel, 2010. v. 1, p. 34-53.

\_\_\_\_\_. M. Retalhos imaginativos: a dimensão estética nos processo formativos autobiográficos. Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, mai./ago. 2014.

CUNHA, Marcus Vinicius. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o Inconsciente Estruturado como Linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREUD, S. *Lo inconciente*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu, 2007.
- GADAMER, H.G. **Verdade e método**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: Educa, 2002.
- \_\_\_\_\_. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 2, Ago. 2006.
- \_\_\_\_\_. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, v. 63, p. 413-438, set. / dez. 2007.
- KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 3. ed. São Paulo, Scipione, 1995.
- LACAN, Jacques. **Análise do discurso e Análise do eu** (O Seminário, Livro 1 - Os escritos técnicos de Freud). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- NASIO, Juan-David. **O olhar em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- NÓVOA, Antônio. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- PEREIRA, Marcelo Ricardo. O relacional e seu avesso na ação do bom professor. In: TEIXEIRA LOPES, Eliane Marta (org.); **A Psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 151-194.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.